



CONFIRA A ENTREVISTA QUE SELECIONAMOS PARA ESTE NÚMERO DA REVISTA:

POR: Roseli Nazário*

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa realizada pela Prof^a Roseli Nazário com profissionais de uma creche em Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação. Neste número teremos a PARTE III das entrevistas realizadas. A PARTE I e a PARTE II você pode conferir nos [Número 7](#) e [Número 8](#), respectivamente.

PARTE III

Entrevista com a Professora do Jardim I e II

Professora do Jardim I e II

Eu não sei se vou conseguir responder legal as tuas perguntas porque eu não estou conseguindo organizar bem as minhas idéias. As vezes esqueço o que estou falando. O médico me disse que isso é memória seletiva e é causada pelo cansaço. Tanto é que fiquei afastada um tempo. Mas, vamos tentar. Fazem 14 anos que estou aqui. Sou formada em pedagogia. E esta creche eu vejo assim: Em primeiro lugar este lugar acaba sendo uma extensão da nossa casa. Algumas companheiras acabam vendo realmente como isso. Essa história de cada um na sua sala, com as suas crianças já vem de um bom tempo e a gente a acabar nem conseguindo fazer diferente. Tem as horas ou determinados momentos, de acordo como está acontecendo o caminhar com estas crianças que precisa, que até eles buscam. As vezes o tempo ou o calor, que acaba não conciliando com os menores. Mas, geralmente a gente faz tudo junto. Acaba se inteirando bastante. Essa preocupação de ouvir as crianças. De não simplesmente agora não posso te ouvir e volta para o teu lugar. Claro que nem sempre se consegue. Quando a gente está aqui sozinha isso é difícil. Esse estar junto é muito importante. Estar junto os profissionais, trazer as novidades, isso ajuda a aproveitar esse estar junto com as crianças. As vezes conversando ajuda muito. As vezes a troca é importante, ler e discutir a parte teórica no coletivo. Sozinho não se consegue muita coisa. Em casa é mais difícil ainda. Tentamos várias vezes fazer uma programação para estarmos juntas, as vezes duas já é bom. Conseguimos conciliar dentro do dia um tempinho para ficarmos juntas conversando.

PERGUNTA 1: A creche consegue cumprir a função que se propõe?

Eu acho que pelo menos tenta, apesar do nosso esforço é difícil. Aqui é um grupo bem

legal. Tem todo o problema que uma comunidade tem e ainda mais a falta de espaço, mas a gente tenta conciliar e aproveitar o que se tem. Ir para fora ou trazer alguma coisa de fora para melhorar este espaço, tornar mais agradável, que com certeza, já está saturado para as crianças. A gente adulto acaba vendo com outros olhos, não tem jeito, tem que ser assim. Mas, eu acho que para a criança isso é muito frustrante. Um espaço apertado onde ela não pode dar um pulo porque vai bater com o pé no amiguinho, no chão. Já vai chamar atenção porque a criança sujou.

PERGUNTA 2: Como as crianças vivenciam o dia-a-dia aqui?

Eu acaba sempre pensando que poderia ser melhor. Que as crianças poderiam estar mais unidas, mais envolvidas, com maior entusiasmo ao fazer as coisas, autonomia para fazer uma atividade que traz. Mas, com o Filipe {filho desta professora} entrando aqui eu vi que isso é diferente. Não vai se conseguir um grupo igual, entusiasmado sempre. Ah! Vê uma borboletinha na árvore e vão todos fazer a mesma coisa. Tem aquele que vai olhar a borboleta, outro vai jogar um brinquedo, outro já vai querer levar para casa. Tem aquele que vai querer soprar para a borboleta ir embora. É assim que eu vejo com o Filipe. Não é sempre que ele quer fazer o que está acontecendo. E como mãe a gente acaba vendo com outro olho. Se não é que ele quer, ele pode levantar e fazer outra coisa. Ele não precisa estar sempre animado correndo atrás da professora como as vezes as crianças fazem. As crianças devem ter a liberdade de querer ir para a outra sala e poder ir. As vezes eu acho que, inconscientemente, eu chego perto do Felipe e pergunto se ele não está com saudades de mim. E ele responde: - não mamãe! E eu fico triste porque acho que ele não gosta de mim. Será que ele não está sentindo nem um pouquinho de saudade de mim. Então é importante olhar com esses outros olhares e perceber a importância de estarmos aqui, mesmo não conseguindo passar todo esse meu entusiasmo para todas as crianças, mas eles precisam de nós. Aquela criança que não está com vontade de fazer as coisas, precisamos saber respeitá-las.

PERGUNTA 3: Boa creche?

A prioridade é mais espaço. Um espaço experimental, com tudo a altura das crianças. Não trazer atividades prontas, mas espaços para essas coisas acontecerem junto com as crianças. Uma diversidade de situações e de ambientes.

PERGUNTA 4: Significativo às crianças?

Estar junto. O professor estar junto orientando, estimulando, instigando essa criança. Outra coisa é permitir as crianças estarem juntas entre si. Isso é muito puro, muito espontâneo. É realmente o querer fazer. Matar a curiosidade do que é legal, do que pode ser legal. Pra construir, ver, experimentar as coisas que estão acontecendo em todo o CEI. Não é o ir para a outra sala por ir. Outro dia o maternal I estava brincando embaixo do cobertor e as crianças do jardim foram todas para lá. Então eu fiquei pensando no que poderia fazer para dar continuidade à esta brincadeira.

PERGUNTA 5: Interesses e necessidades das crianças?

As coisas novas interessam muito as crianças. Não necessariamente sempre precise se ter uma coisa nova, mas tem que trazer uma graça diferente. Por exemplo: um brinquedo velho numa caixa fechada já desperta interesse em saber o que tem lá dentro. Já é uma novidade. Nem sempre a fartura é suficiente. Colocar o brinquedo na altura das crianças,

mas ter regras definidas. Acho que era mais fácil decidir tudo pela criança e as vezes até fizemos isso porque trazemos um ranço desse formalismo que a gente passou. A gente até acha bonitinho todo mundo estar brincando de casinha. É mais fácil de se estar olhando as nossas crianças. Mas isso a gente sabe que não acontece, então é preciso saber ou aprender a respeitar isso e daí a importância de estar junto das crianças. Essa tal de diversidade dá dor de cabeça, é mais difícil. É trabalhoso ver as divergências, mas até nessa hora o que acontece entre eles é importante ser observado, não para resolver por eles, mas estar dando um amparo. Isso também é difícil porque geralmente a gente acha que deve fazer para as crianças.

PERGUNTA 6: Creche como complemento à família?

A própria criança não acaba nem vendo isso. Mesmo que por pior que seja a própria casa, a mãe está junto. A casa muita vezes acaba sendo um próprio complemento da creche. Acaba sendo uma situação diferente. Fico preocupada com esses pais que deveriam deixar um pouco de lado suas coisas pra poder brincar com as suas crianças. Eu gostaria que fosse isso que realmente acontecesse. Que as crianças tivessem mais oportunidades. Mas, se não tem, acho que aqui na creche ela pudesse viver isso. De estar junto, de brincar, de trocar idéias com a gente. De parar para comentar o que se passou. Se não acontece isso em casa eu acho que ela deveria sair daqui da creche com um olhar diferente para as coisas.

PERGUNTA 7: Que limites dificultam seu trabalho?

Uma coisa junto é esse estar junto dos profissionais. A dificuldade que temos em nos sentarmos junto e discutirmos as práticas do dia-a-dia. Isso precisa ser revisto, estudado.

PERGUNTA 8: Formação?

Eu acho que é um outro momento que acaba sendo muito espaçado. Muitas vezes é difícil porque se a gente não pode comparecer num, o outro fica muito longe e no terceiro já se perdeu mais ainda. Deveria acontecer mesclado com atividades práticas para esses professores aprenderem mais. De por a mão na massa. De estar conversando junto sobre as coisas, de trazer uma novidade que aconteceu num CEI e divulgar um trabalho legal aos outros. Um material legal. Que fosse um momento que a gente pudesse ver o outro amigo do lado trabalhando. Esse viver com a criança que a gente tem dentro do CEI. Ver isso específico dentro de um encontro, numa oficina, de um texto. Vivenciar, porque as vezes não se está preparado para ouvir, ouvir, ouvir, mas não saber como se faz, se sente perdido. Todo mundo com isso falando uma mesma língua. Não apenas um repassar informação. Poder participar das falas dos participantes.

A cada ano a gente vai alcançando um degrau a mais. Vem um profissional novo, traz uma idéia nova pra gente ir aprendendo, aprender também com os profissionais mais velhos do CEI, ouvir as crianças. Dar esse tempo para a gente mesma, não ser tão crítica, estar mais aberta às críticas e sugestões. Isso acaba ajudando esse caminhar. Também falta muita teoria, mas não ler por ler, mas vivê-la. A falta de preocupação nossa em buscar um modelo na escola também é uma situação que vem nos ajudando. Conversar isso com os pais para que ele possa ver isso e entenda melhor o nosso trabalho. Se conseguirmos isso com certeza estaremos ajudando a crianças na entrada para a escola, porque ela começa a questionar e não aceitar aquele modelo. Que a escola possa mudar. Os profissionais da creche estão mudando. Eu lembro que um tempo atrás muito nos incomodava saber que as nossas crianças não estavam indo bem na escola. Mas, daí parou-se para ver o que não estava legal

lá e não o que aqui na creche não estava sendo feito para preparar esta criança para a escola. Hoje, muitos de nós já conseguimos ver que este modelo de escola não é o que queremos e daí então não precisamos preparar a criança para ele. Isso nós precisamos aprender para conversar com os pais. Nós estamos tentando conversar com os pais no sentido de estar junto com seus filhos dentro da creche ou da escola. Viver este período com os filhos. Embora sei que nem todos os profissionais pensam assim. As vezes a mãe na sala representa um problema para alguns professores. É igual ter um aluno especial. A gente quer que ele seja igual aos outros. A gente pensa que é preconceito, mas há sobre tudo que é diferente. Eu vejo isso depois do nascimento do Felipe. Algumas pessoas dizem que ele tem que chegar no estágio dos outros. Mas, quem disse isso pra eles. O que acham ou pensam esses professores. Tem algumas vezes aqui no CEI que é engraçado, o Felipe faz alguma coisa e eu chamo a atenção e algumas dizem: - Olha, até parece que ele está entendendo o que tu diz. Isso era muito ruim e hoje eu já sei como me sair desse tipo de situação. O tempo ensina, assim como ensina como trabalhar com as crianças aqui na creche.

*Membro do NEE0A6 e professora da UNIVALI/SC